

ATITUDE LINGÜÍSTICA: ACEITABILIDADE DE SINAIS NO ENEM EM LIBRAS

ACTITUD LINGÜÍSTICA: ACEPTABILIDAD DE SIGNOS EN ENEM ENLIBRAS

LINGUISTIC ATTITUDE: ACCEPTABILITY OF SIGNS IN ENEM IN LIBRAS

Thiago Ramos de Albuquerque*

Universidade Federal de Pernambuco



RESUMO: Esta investigação situa-se na temática da política linguística em Libras. Tem como objetivo analisar as atitudes linguísticas expressas nas opiniões de surdos sinalizantes a respeito dos sinais termo da videoprova de Ciências da Natureza e suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em Libras no ano 2018. A metodologia é de natureza quanti-qualitativa e para coleta de dados utilizou-se dois instrumentos (questionário on-line e entrevista). As atitudes manifestadas nos depoimentos dos participantes foram classificadas em quatro categorias de análise. As opiniões dos participantes surdos evidenciam que suas crenças, valores, trajetórias e vivências socioculturais motivam diferentes atitudes linguísticas frente aos sinais-termos do Exame. Foram citados argumentos sobre os enunciados em Libras, predominando o aspecto semântico como importante para clarificar a compreensão dos sinais-termo e, por sua vez, endossar a aceitabilidade. Também foram citadas as dificuldades de inteligibilidade das questões da videoprova por conta de elaborações ambíguas ou mesmo polissêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: Enem em Libras. Linguística. Atitude Linguística. Aceitabilidade.

RESUMEN: Esta investigación se centra en el tema de la política lingüística en Libras. El objetivo es analizar las actitudes lingüísticas expresadas en las opiniones de los sordos signantes sobre las señales finales de la videoprueba de Ciencias Naturales y sus Tecnologías del Examen Nacional de Enseñanza Media (Enem) en Libras en el año 2018. La metodología es de tipo carácter cuantitativo y cualitativo y para la recolección de datos se utilizaron dos instrumentos (cuestionario en línea y entrevista). Las actitudes manifestadas en los testimonios de los participantes fueron clasificadas en cuatro categorías de análisis. Las opiniones de los participantes sordos muestran que sus creencias, valores, trayectorias y experiencias socioculturales motivan diferentes actitudes lingüísticas hacia los términos-signos del Examen. Se citaron argumentos sobre los enunciados en Libras, predominando el aspecto semántico como importante para clarificar la comprensión del término signos y, a su vez, avalar la aceptabilidad. También se mencionaron dificultades en la inteligibilidad de las preguntas de la prueba de video debido a elaboraciones ambiguas o incluso polisémicas.

* Thiago Ramos de Albuquerque é doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor adjunto no Centro de Acadêmico Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: thiago.ralbuquerque@ufpe.br .

PALABRAS CLAVE: Enem en Libras. Lingüística. Actitud Lingüística. Aceptabilidad.

ABSTRACT: This investigation is situated on the theme of linguistic policy in Libras. The objective is to analyze the linguistic attitudes expressed in the opinions of deaf signers regarding the term signs of the video test of Natural Sciences and its Technologies of the National High School Exam (Enem) in Libras in the year 2018. The methodology is of a quantitative-qualitative nature, and for data collection, two instruments were used (online questionnaire and interview). The attitudes expressed in the participants' statements were classified into four categories of analysis. The opinions of deaf participants show that their beliefs, values, trajectories and sociocultural experiences motivate different linguistic attitudes towards the signs-terms of the Exam. Arguments about utterances in Libras were cited, with the semantic aspect predominating as important to clarify the understanding of the term signs and, in turn, to endorse acceptability. Difficulties in the intelligibility of the video test questions were also mentioned due to ambiguous or even polysemic elaborations.

KEYWORDS: Enem in Libras. Linguistics. Linguistic Attitude. Acceptability.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da pesquisa de doutorado¹ e emerge de observações durante a graduação em Letras Libras (Língua Brasileira de Sinais) - Licenciatura na modalidade EaD da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2008, no Polo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Notei que a sinalização de professores e estudantes na época, tanto surdos quanto ouvintes, apresentava neologismos decorrente do aumento gradativo do vocabulário dessa língua de sinais.

Nesse período (e ainda hoje) é recorrente que aconteçam discussões no âmbito acadêmico nos diferentes campos, como por exemplo, Lexicologia, Terminologia, a respeito da ampliação lexical, envolvendo conceitos, termos e significados dos sinais. Esse movimento de debate sobre os sinais criados me inquietava, pois, enquanto alguns concordavam com essa ampliação lexical, outros discordavam e se posicionavam contra a convenção de determinados sinais, culminando em processos de variação linguística que poderiam acontecer de forma indiscriminada.

Mesmo após tantos anos, essas reflexões ainda têm me afetado, dessa forma, busquei investigar as atitudes dos sujeitos perante essa dinâmica linguística, para entender os processos lexicais e como afetam os sinalizantes². É nesse contexto que se encontra a justificativa desta pesquisa, que tem a seguinte pergunta de pesquisa: *qual aspecto linguístico se destaca diante do grau de aceitabilidade de surdos que participaram do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em 2018 em relação aos sinais usados na prova em Libras de Ciências da Natureza?* Para responder a tal questionamento, optou-se por convidar candidatos aprovados no Exame no ano escolhido e suas opiniões foram registradas por meio de entrevista buscando identificar suas percepções a respeito dos sinais-termo apresentados nas videoprovas³.

Em função do escopo da pesquisa, que envolve temas como políticas e planejamento linguístico, as condições sociais e culturais em torno da língua de sinais, fatores influenciadores do (re)conhecimento linguístico, o contexto histórico e antropológico dos sujeitos que fazem uso da língua, dentre outros, delineou-se o seguinte objetivo de pesquisa: *Verificar, por meio da atitude linguística expressa nas opiniões de surdos sinalizantes, os principais aspectos linguísticos que demonstram a aceitabilidade dos sinais-termo da videoprovava de Ciências da Natureza e suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em Libras no ano 2018.*

¹ Pesquisa no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, em que a coleta dos dados aconteceu em 2019.

² Na comunidade surda, quem fala em língua de sinais, seja surda ou ouvinte, chamamos “sinalizante”.

³ Na videoprovava traduzida em Libras, as questões e as opções de respostas são apresentadas em Libras por meio de um vídeo. O recurso terá o mesmo número, ordem e valor de questões da prova regular, além da garantia de qualidade e normas de segurança máxima de todas as provas do Enem.

2 POLÍTICA LINGUÍSTICA E ATITUDE LINGUÍSTICA EM LIBRAS

O desenvolvimento do campo de Políticas Linguísticas contribuiu para a construção e difusão de conhecimentos sobre diferentes fenômenos no âmbito da linguagem/língua, influenciado por mudanças de paradigmas epistemológicos que provocaram novas perspectivas na forma de compreender política linguística ao longo dos anos (Ricento, 2000).

Quadros (2012), ao discorrer sobre política, planejamento e padronização linguística, esclarece que toda e qualquer língua possui poder, ou seja, o poder da língua é variável sob o aspecto social. O português, língua usada majoritariamente em nosso país, cujo território tem proporções continentais, constitui-se de muito poder. Mesmo com a presença de outras línguas, como as indígenas e as línguas de sinais, as ideologias monolíngues ainda são predominantes na nação.

As relações que se estabelecem entre as línguas mencionadas resultam em situações de opressão, oriundas do contexto histórico ao longo dos últimos séculos. A despeito do planejamento linguístico na esfera educacional no Brasil, este tem sido construído, sobremaneira, com ênfase na língua dominante (o português) e, mais raramente, numa perspectiva bilíngue, isto é, nas línguas português e Libras, baseada em uma ideologia bilíngue. Assim, quando o planejamento está orientado apenas para a língua portuguesa, configura-se a subjugação da Libras.

No cenário nacional, em 2002, tivemos o reconhecimento da Libras (Lei nº 10.436), um marco legal que foi caracterizado principalmente pelas lutas da comunidade surda ocorridas, sobretudo, nos anos de 1980 e 1990. Quadros (2009) esclarece que essas ações (criação de leis e decretos, movimentos sociais, publicações acadêmicas) mudaram o status linguístico da Libras e iniciaram uma dinâmica que vem promovendo a justiça social para as pessoas surdas.

Mesmo diante dessas mudanças sociais e da ampliação lexical da Libras, ainda persiste a ideia de que o léxico dessa língua seria mais “pobre” devido à falta de sinais correspondentes a determinados conceitos das línguas vocais-auditivas. A criação de sinais no contexto educacional pode ocasionar dificuldades no processo de ensino e aprendizagem dos surdos devido à falta de termos específicos em Libras (Lemes *et al.*, 2016, p. 5). O que ocorre é que os intérpretes criam sinais “provisórios” visando atender uma demanda específica.

Do ponto de vista político-linguístico, a criação de sinais provisórios pelos intérpretes pode ser vista de maneira ambígua. Por um lado, é uma solução prática e imediata para suprir a falta de termos específicos em Libras, permitindo que os alunos surdos tenham acesso ao conteúdo educacional de maneira mais completa e eficiente. Este processo de criação e adaptação de sinais reflete a natureza dinâmica e adaptativa da língua, promovendo a inclusão e a igualdade de oportunidades na educação.

Por outro lado, a dependência de sinais provisórios pode reforçar a percepção de que Libras é uma língua “deficiente” em termos lexicais, o que pode perpetuar estigmas e ideologias monolíngues que subjugam a língua de sinais. Para mitigar esse aspecto negativo, é essencial que haja um esforço contínuo na padronização e disseminação dos novos sinais criados, promovendo a sua aceitação e utilização ampla na comunidade surda.

Portanto, enquanto a criação de sinais provisórios apresenta uma solução prática e inclusiva no curto prazo, deve ser acompanhada por políticas linguísticas que valorizem e fortaleçam o desenvolvimento lexical de Libras, assegurando sua evolução e reconhecimento como uma língua completa e independente.

Corroborando com as ideias acima, entende-se a importância da criação de sinais em consonância com a Comunidade Surda e com os profissionais das áreas específicas, para que desenvolvam mecanismos para ampliação do léxico e decidam, de forma coletiva, a validação dos novos sinais. A Libras está em franca expansão, e percebe-se a tendência de que os sinalizantes estão em busca do enriquecimento terminológico e a consequente valorização da língua.

O processo de criação e validação de novos sinais em Libras envolve um esforço colaborativo entre a Comunidade Surda, profissionais especializados e usuários da língua. Em ambientes educacionais, especialmente em salas de aula, os intérpretes

desempenham um papel crucial nesse processo. Eles são responsáveis por traduzir conceitos complexos para Libras, muitas vezes recorrendo a sinais provisórios para termos específicos que não possuem equivalentes estabelecidos na língua.

Para iniciar o processo de convenção de sinais-termo, os intérpretes e professores trabalham em estreita colaboração com os alunos surdos e a comunidade surda em geral. A discussão e validação desses sinais frequentemente ocorrem em contextos formais, como grupos de estudo, workshops ou conferências dedicadas à linguagem de sinais.

É importante ressaltar que esse processo não é arbitrário, mas sim baseado em princípios linguísticos e na aceitação gradual desses novos sinais pela comunidade surda. A validação ocorre conforme os sinais são adotados e utilizados de forma consistente pelos sinalizantes ao longo do tempo.

Portanto, embora os agentes em sala de aula desempenhem um papel fundamental na introdução de novos sinais-termo, a legitimidade e a aceitação final desses sinais dependem do engajamento e da participação ativa da Comunidade Surda na sua utilização cotidiana.

A partir dos estudos conduzidos por Quadros e Karnopp (2004), entende-se ser importante comentar acerca da língua de sinais como língua que é naturalmente adquirida pelas pessoas surdas. A ideia de que a língua é um sistema padronizado de signos, caracterizados pela estrutura dependente, pela criatividade, pela relação intrínseca com a cultura e que pode ser transmitida como qualquer outra língua, permite-nos definir, portanto, que a Libras é uma língua natural.

Nesse sentido, como toda língua, é formada por um léxico e que, como patrimônio linguístico, deve ser inventariado. Na Libras, principalmente pela natureza de emergir de uma comunidade minoritária, requer seu registro e difusão, de forma que sejam registradas, inclusive, suas variações linguísticas. Para tal, faz-se necessário planejamentos linguísticos, que garantam que essa documentação seja realizada e que possibilitem assegurar os direitos linguísticos dessa comunidade.

Um marco que oportunizou implementar ações nesse âmbito foi o Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005), que culminou na criação do primeiro curso de Licenciatura em Letras Libras na modalidade a distância em 2006, na UFSC. Uma das implicações disto, foi a demanda gerada para elaboração de glossários de sinais (Martins, 2018).

Desde então, tem ocorrido um aumento vertiginoso de sinais, e da mesma forma, também tem se ampliado o seu compartilhamento, em função, sobretudo, pelo uso de tecnologias de informação e de comunicação. Novos glossários têm sido elaborados, especialmente, de termos técnicos, isto é, aqueles compostos pelo léxico especializado, a qual são denominados ‘sinais-termos’. Importante esclarecer que há diferença entre ‘léxico’ e ‘termo’, segundo Faulstich (1994, p. 313). Para a autora, léxico é “uma unidade lexical do domínio do léxico geral da língua; um termo é também uma unidade lexical, mas típico de variado domínio de vocabulário científico e técnico”.

Nesta pesquisa discutiu-se as opiniões dos surdos aprovados no ENEM Libras de 2018 sobre a aceitabilidade de sinais-termo. As respostas dos participantes foram analisadas com base no conceito de *atitude linguística*, mas o conceito de ideologia linguística também ampara a pesquisa, pois “são tão importantes para o social quanto às análises linguísticas porquê [...] tais ideologias preveem e reproduzem ligações que associam línguas a grupos e identidades pessoais, à estética, à moralidade e à epistemologia” (Woolard; Schieffelin, 1994, p. 55-56). A seguir, serão aprofundados esses temas.

2.1 ATITUDE LINGUÍSTICA

Foi a partir de 1967 que se iniciaram os estudos sobre atitude linguística no campo da Sociolinguística, em que havia a preocupação de discutir sobre o contexto social, os aspectos ideológicos e culturais envolvendo a língua (Lambert, 1967), o que culminou no aprofundamento de pesquisas relacionadas com esse assunto embasadas em múltiplas perspectivas teóricas. Giles, Ryan e Sebastian (1982, p. 7) argumentam que atitude linguística é “[...] como qualquer índice cognitivo, afetivo ou comportamental de reações avaliativas, em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes”. Sobre pesquisas que focam nas atitudes linguísticas,

Botassini (2015) nos esclarece que: “Estudos relacionados a esse tema têm apontado pistas para a Sociolinguística na compreensão de questões que podem estar relacionadas a determinadas atitudes linguísticas manifestadas por um grupo ou por uma comunidade de fala. Também possibilitam “predizer” um dado comportamento linguístico.” (Botassini, 2015, p. 103).

Moreno Fernández (1998, p. 182) afirma que atitude linguística são modos de ação e de reação, ou seja, quaisquer respostas aos estímulos que resultam em ações. A língua é um fenômeno social e tem características associadas aos ambientes/meios que circulam, por isso a fala é integralmente interligada com a dimensão social. Em situações de interação, automaticamente os indivíduos moldam seus comportamentos, conduzidos por padrões sociais e motivados por fatores emocionais e afetivos, condição que é recorrente a todas as pessoas.

A pesquisa também se fundamenta na concepção de ideologia linguística como o “[...] conjunto de crenças sobre língua articulado por usuários como uma racionalização ou justificação de percepção da estrutura e do uso linguístico” (Silverstein, 1979 *apud* Woolard; Schieffelin, 1994, p. 57). Portanto, as atitudes estão diretamente relacionadas com as ideologias dos sujeitos, o que impacta na aceitabilidade dos sinais. No caso da Libras, observam-se atitudes de “monitoramento linguístico⁴”, o que pode se expressar na criação de sinais. Atitudes por parte dos sujeitos para normalizar a língua são vistas comumente na comunidade surda brasileira, cuja dinâmica é motivada por crenças, concepções, valores, experiências sociais, mas também pelos modos de ser dos indivíduos, pelas vivências e como elas são internalizadas.

A atitude linguística está relacionada à percepção dos sujeitos e à agradabilidade das expressões daqueles com quem interagem. São influenciados, por sua vez, pelas noções de *status*, prestígio das línguas, em que suscitam atos de avaliação (Ferreira, 2009). Portanto, vários são os fatores que influenciam nas atitudes linguísticas, afetando os indivíduos, inclusive, de maneira inconsciente. Observa-se a externalização desses julgamentos, cuja opinião é construída e expressa, por vezes, sem critérios pré-estabelecidos. Essas concepções ideológicas são construídas ao longo de anos e, em geral, se modificam de forma dinâmica.

Duas linhas teóricas (mentalistas e comportamentalistas) estão afiliadas, respectivamente, aos campos da Sociolinguística e da Psicologia e têm como preocupações centrais reflexões sobre atitudes e crenças. A linha mentalista considera que a atitude é o estado de posicionamento do sujeito que, no contato com o outro, adequa-se linguisticamente com base na relação entre eles: reagimos segundo as interferências desse outro; já a linha mentalista parte da ideia de que a atitude é associada ao corpo, quer dizer, às abstrações que são internas ao indivíduo (López Morales, 1993). A perspectiva mentalista, então, pontua três componentes da atitude linguística: i) cognoscitivo; ii) afetivo e; iii) conativo.

Segundo López Morales (1993), o *componente cognoscitivo* está diretamente ligado à consciência linguística e à fala interna/mental, é vinculado ao conhecimento estereotipado, crenças, aos valores, que são próprios do indivíduo, o que o indivíduo aprendeu socialmente. O *componente conativo* está relacionado às situações comunicativas, em que o indivíduo ajusta-se direcionando sua forma de expressão, escolhendo referências, e adapta-se a depender do que ocorre na interação. O *componente afetivo* está ligado às trajetórias sociais e às vivências linguísticas do indivíduo, aos fatores afetivos relacionados aos aspectos emocional e sentimental, tudo isso propicia que os indivíduos julguem, sintam, posicionem-se valorativamente, pois estão intimamente atreladas aos traços de identidade, etnicidade, estilo, etc.

Na próxima seção, descreve-se o percurso metodológico da pesquisa.

⁴ “Monitoramento linguístico” refere-se ao processo pelo qual os sinalizantes de uma língua supervisionam e ajustam o uso da mesma, de forma a controlar e regular a introdução de novos termos. É como se houvesse uma comissão informal que cuida para que as mudanças linguísticas sejam feitas de maneira organizada e controlada, evitando perdas de controle ou arbitrariedades na introdução de novas sinapses.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa é um estudo de caso de caráter exploratório, com abordagem metodológica quanti-qualitativa e analítico-descritiva. Seu objetivo é "[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses" (Gil, 2002, p. 41). A pesquisa foi desenvolvida seguindo esse objetivo.

Como instrumentos de pesquisa, primeiramente foi aplicado *questionário* com perguntas sobre o perfil sociolinguístico e de formação dos participantes; em seguida, foi realizada *entrevista* apoiada por roteiro semiestruturado, com perguntas sobre 63 sinais termo da videoprova da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias do Enem em Libras. (INEP, 2018). Todos os 63 sinais-termo foram editados em novos vídeos, selecionando apenas a parte específica com os enunciados da videoprova, para que os participantes pudessesem entender o contexto. Esses vídeos foram inseridos no questionário *on-line* que foi apresentado em tela aos participantes durante as entrevistas.

Para fins de validação, ambos instrumentos de pesquisa foram aplicados com um participante do Enem em Libras residente em Santa Catarina numa entrevista piloto, cujos dados foram incluídos no *corpus* da pesquisa, pois consideram-se relevantes para o estudo.

As entrevistas foram realizadas ao longo de duas semanas e foram previamente agendadas com os participantes através de aplicativos de mensagens (WhatsApp). Elas ocorreram tanto presencialmente quanto virtualmente - devido ao início da quarentena causada pela Covid-19 (Coronavírus) - e foram filmadas para posterior transcrição e análise pelo pesquisador.

Como envolve humanos, a pesquisa passou pela aprovação⁵ do Comitê de Ética da UFSC, no qual foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e/ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), que foram estruturados de forma bilíngue, em português escrito e em vídeo sinalizado em Libras. Quanto aos participantes, selecionamos sete surdos aprovados no Enem Libras de 2018, na cidade de Recife (Pernambuco), sendo cinco homens e duas mulheres, com idade entre 19 (dezenove) e 39 (trinta e nove) anos.

Para identificar os participantes em potencial foi feito um levantamento por meio dos seguintes critérios: i) surdos que foram aprovados do Enem realizado no ano 2018, que possam ter ingressado na UFPE ou Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) nos campus localizados em Recife, ou alunos surdos que tenham ingressado no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) nos *campus* localizados em Recife e redondezas ou surdos que tenham ingressado em Universidades particulares em Recife e; ii) participantes do Enem em 2018 que tenham se autodeclarado(a) surdo(a), indicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC).

Para desenvolvimento da análise, verificamos se os sinais selecionados foram aceitos ou não, a fim de estabelecer relações como os três componentes de atitude linguística, segundo a perspectiva mentalista, visando compreender as motivações dos participantes para ter essas ou aquelas atitudes. Tomamos por base a concepção de que a atitude é "[...] uma estrutura componencial múltipla, formada pelos elementos afetivos (emoções e sentimentos), cognitivo (inclui as percepções, as crenças e os estereótipos presentes no indivíduo) e comportamental (tendência a atuar e a reagir de certa maneira com respeito ao objeto) (Botassani, 2015, p. 114).

Por se tratar a abordagem quanti-qualitativa, ao serem analisadas as opiniões dos participantes sobre a aceitação dos sinais-termo, identificou-se primeiro os dados quantitativos e, em seguida, foram organizados os dados qualitativos advindos das perguntas abertas. Posteriormente, foram identificadas semelhanças das respostas, a fim de que fossem desenhadas as categorias. A seguir, apresentamos a análise e discussão dos dados.

⁵ Parecer consubstanciado sob o CAAE nº 19395719.7.0000.0121, aprovado em 06 de fevereiro de 2020.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, organizamos um recorte do *corpus* levantado na tese. Para esse artigo, estruturamos a análise em três tópicos: i) o percentual de aceitabilidade dos entrevistados em relação aos 63 sinais-termo selecionados; ii) o percentual de aceitabilidade por aspecto linguístico; iii) a descrição e análise de dois sinais-termos que compõem o *corpus*. Sobre o item i, apresenta-se o Gráfico 1 a seguir.

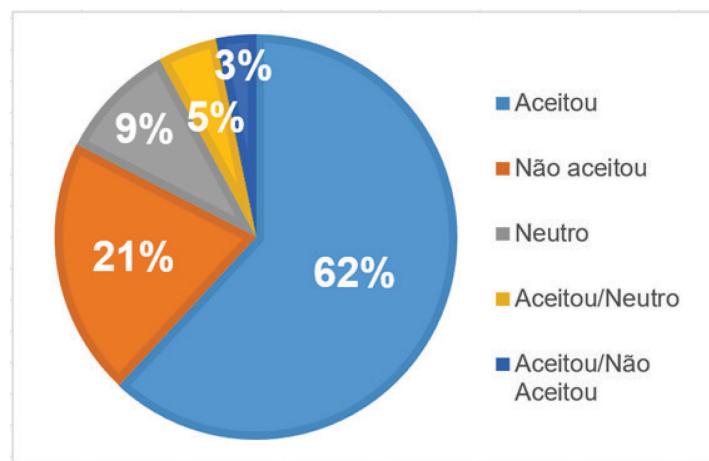


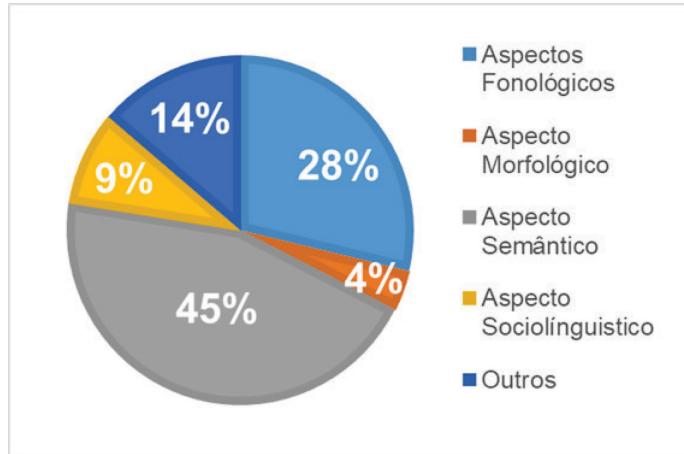
Gráfico 1: Resultado em % da aceitabilidade dos 63 sinais-termos

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Constatamos que 62% dos participantes expressaram aceitabilidade dos sinais termos, indicando uma grande aceitação. Apenas 21% dos entrevistados não aceitaram os sinais, enquanto 9% se abstiveram ou deram respostas neutras. Alguns sinais foram aceitos com certa neutralidade, representando 5% das respostas, e apenas 3% dos participantes demonstraram incerteza sobre a aceitabilidade dos sinais.

Para desenvolver a análise, foi observada a recorrência do que era dito pelos participantes e foram criadas categorias de acordo com o *corpus*. Após visualizar a transcrição das entrevistas, quatro categorias emergiram, a saber: i) *aspectos fonológicos* (configuração de mãos, sinais acompanhados de letras, localização e expressões não manuais); ii) aspectos *morfológicos* (duplicação das mãos); iii) *aspectos semânticos*, com ênfase na interpretação dos significados atribuídos aos sinais pelos participantes da pesquisa, destacando-se a análise de como os participantes interpretaram e relacionaram os sinais aos seus conhecimentos prévios e experiências cotidianas, influenciando diretamente na compreensão durante a prova do Enem; e; iv) *aspectos sociolinguísticos* (variação linguística).

A classificação do sinal-termo em determinada categoria foi feita com base nas opiniões sobre os sinais que foram expressas durante as entrevistas. Algumas dessas opiniões se enquadram em mais de uma categoria, porém, foi feita a escolha de tipificar em apenas uma delas. Além disso, esses sinais foram também descritos, para posteriormente discutir a aceitabilidade dos participantes sobre cada um. No Gráfico 2, temos o percentual de sinais analisados por categoria.

**Gráfico 2:** Percentual por categoria**Fonte:** Elaborado pelo autor (2022)

Dos 63 sinais-termos apresentados aos entrevistados surdos da pesquisa, a categoria semântica aparece com maior percentual, com 45%. Nesta categoria, os três componentes da atitude linguística (cognoscitivo, afetivo e conativo) foram identificados, demonstrando que diferentes fatores interferem na aceitabilidade dos participantes. A compreensão de enunciados em Libras perpassa a consciência linguística, as experiências de vida dos sujeitos, o repertório adquirido em Libras, as trajetórias sociais, as características individuais e as situações comunicativas vivenciadas pelos sujeitos.

A segunda maior categoria é de 28% dos sinais-termos classificados como sua relação a aspectos fonológicos, em que os participantes opinaram sobre os parâmetros utilizados, indicando algumas distinções na: i) configuração de mãos, que inclui o uso de letras na sinalização; ii) nos movimentos na execução dos sinais; iii) na localização escolhida, e; iv) nas ENMs que também contribuem para a compreensão dos enunciados em Libras.

A terceira categoria foi de 14% que nomeamos como “outros”, porque não se aplicar a nenhuma das demais categorias, logo, não se encaixou nos demais grupos, que são casos aleatórios para análise ou que trazem opiniões neutras que não expressam nenhum aspecto anteriormente definido. Logo depois, temos com 9% os sinais categorizados como aspecto sociolínguístico, em que predominam as variações linguísticas como ponto principal indicado pelos participantes. Interessante notar que essa categoria teve um baixo percentual, uma vez que o Enem em Libras é produzido por tradutores surdos de diferentes regiões do país. Por fim, a categoria de aspectos morfológicos contou com apenas 4% dos sinais selecionados, sendo este a categoria de menor percentual.

A seguir temos apontamos as seguintes informações: o *Qr Code* que direciona para os enunciados em Libras extraídos da videoprova, os gráficos com o grau de aceitabilidade e os excertos com as opiniões dos entrevistados; e em seguida, apresenta-se e discute-se o respectivo sinal-termo que faz parte do referido enunciado. O sinal abaixo (lipídios) faz parte da questão nº 91.

**Figura 01:** QR Code**Fonte:** Elaborado pelo autor (2022)



Figura 2: Sinal “lipídios”

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Vejamos na Figura 1 (acima), o sinal utilizado na videoprova, e os gráficos (abaixo) com as respectivas respostas para três perguntas (você conhece ou usa esse sinal, você gosta desse sinal e o que você acha desse sinal). Os resultados são analisados em seguida, com o acréscimo dos comentários coletados nas entrevistas, no qual os participantes expressam com mais detalhes suas opiniões.



Gráfico 3: Resultado sobre sinal “lipídios”

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

O Gráfico 3 mostra na pergunta 1 que 5 dos 7 participantes já conheciam o referido sinal-termo e que também que houve aceitabilidade do sinal, pois 5 dos 7 informaram que gostam muito ou apenas gostam do sinal usado. Quando questionados sobre o que acham do sinal, as respostas se dividem, não havendo unanimidade. A seguir, foram transcritos os comentários registrados nas entrevistas.

Participante A: Esse sinal pode combinar ou não, porque confunde outra palavra ‘ÓLEO’, por isso tem dois significados [...] sei que esse é de corpo, mas pode ser para comida, pode confundir aos surdos entenderem errado.

Porque a maioria da escola, não ensina a palavra específica, só ‘ÓLEO’.

Participante B: Esse sinal, não conheço. Ela não oralizou quando usou esse sinal, por isso eu não entendia. Se oralizar e sinalizar ao mesmo tempo, eu conseguiria entender.

Participante C: Porque faz parte do corpo, espalhando no corpo, que limpa. O mesmo sinal de ‘ÓLEO’, só que no corpo.

Participante D: Na verdade, eu não conheço essa palavra ‘LIPÍDIOS’, mas sim o sinal, com significado. Eu gostei desse sinal, porque... [sem comentário e expressão de dúvida]. Se for durante a aula, pode soletrar, assim eu não

entenderia, se explicar o exemplo com clareza, assim entenderia esse significado. Mas conheceria o sinal.

Participante E: Esse sinal não tá claro, pois parece que esse sinal é de comida, como óleo. Ela sinalizou 'LIPÍDIOS' na mão aberta (passiva, esquerda) em espaço neutro, o correto seria esse sinal no local do corpo, como indicado na barriga e não no espaço neutro.

Participante F: Gostei, porque indicou no corpo, como óleo no corpo.

Participante G: Certo, esse sinal, indicou no corpo, mas tem outro sinal que é 'ÓLEO', da cozinha, e 'LIPÍDIOS' no corpo, dá para contextualizar sim.

Os participantes destacam que, por estarem familiarizados com o uso cotidiano do sinal "óleo", conseguiram inferir que "lipídios" está relacionado ao óleo utilizado na preparação de alimentos, associando-o analogamente às moléculas de gordura presentes nos organismos. Esta lógica permitiu-lhes deduzir corretamente o significado na pergunta da prova de Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Essa situação evidencia a necessidade de ajustes semânticos nos sinais utilizados, como discutiremos a seguir.

Por um lado, alguns participantes reconhecem a conexão entre os sinais e seus respectivos significados, percebendo que estão no mesmo campo semântico. Por outro lado, há aqueles que questionam o uso dos sinais, sugerindo que eles não transmitem claramente o significado pretendido. Esses participantes defendem a revisão dos sinais para assegurar que o significado de "lipídios" seja compreendido de forma inequívoca, indicando a necessidade de utilizar outro sinal que seja mais adequado para expressar esse conceito.

Chamou-nos atenção a resposta do Participante A para esse sinal, que expressa gostar do sinal, mas com ressalvas. Ele explica que, apesar de ter entendido a referência aos "lipídios", tem preocupações quanto ao uso do mesmo sinal na escola, onde estudantes surdos poderiam confundir "óleo" com "lipídios", devido aos diferentes significados atribuídos, conforme sua justificativa. Essa ambiguidade percebida reflete sua experiência em uma escola bilíngue, onde a Libras é a língua de instrução e o português é ensinado como segunda língua.

A resposta do Participante E se destaca ao problematizar três aspectos - fonológico, morfológico e semântico. No aspecto fonológico, ele argumenta que a combinação do sinal com a mão esquerda aberta (passiva) em espaço neutro junto com a mão direita (ativa com a configuração em Y) não é a mais apropriada. Em contrapartida, sugere que o sinal seja realizado apenas com a mão direita e que a localização seja na barriga, ao invés de ser em espaço neutro.

No aspecto morfológico, sob o ponto de vista do mesmo Participante E, o sinal deveria ser monomanual, e não bimanual como na forma dicionarizada, pois favorece a compreensão do significado do sinal. No aspecto semântico, quando diz que, para ele, "*não tá claro, pois parece que esse sinal é de comida, como óleo*", demonstrando a importância de uma adequação nesses três níveis linguísticos (acima).

Ao analisar estes depoimentos com base nas crenças e atitudes linguísticas e seus respectivos componentes (cognoscitivo, afetivo e conativo), verificamos que alguns casos merecem destaque. O primeiro deles diz respeito à prevalência do componente cognoscitivo, que está perceptível na declaração do Participante A pelo seu histórico escolar bilíngue (Libras-português), pela convivência da família surda, portanto, pela sua experiência linguística predominantemente bilíngue.

A questão colocada pelo Participante A, sobre a necessidade de usar um sinal específico para "lipídios", nos remete ao fato de que a Libras é uma língua em franca expansão lexical. Embora o português conte com aproximadamente 381 mil verbetes, a Libras possui cerca de 35 mil sinais registrados (Capovilla; Raphael, 2008). Esta diferença não indica uma escassez de vocabulário na língua de sinais, mas reflete um percurso histórico de minorização, caracterizado pela opressão global enfrentada pelas línguas de sinais, que muitas vezes são segregadas, invisibilizadas ou desvalorizadas devido a políticas discriminatórias.

O próximo sinal selecionado foi "Iraque", que faz parte da questão nº 125, cujo trecho do enunciado pode ser visualizado no QR Code abaixo. A seguir, discutimos a opinião dos participantes da pesquisa.

**Figura 3:** QR CODE**Fonte:** Elaborado pelo autor (2022)**Figura 4:** Sinal “Iraque”**Fonte:** Elaborado pelo autor (2022)

Na Figura 2, podemos visualizar o sinal utilizado na videoprova e, em seguida, os gráficos com as respectivas respostas para três perguntas (você conhece ou usa esse sinal, você gosta desse sinal e o que você acha desse sinal) e os comentários coletados nas entrevistas, no qual os participantes expressam com mais detalhes suas opiniões.

**Gráfico 4:** Resultado sobre sinal “Iraque”**Fonte:** Elaborado pelo autor (2022)

Trazemos abaixo as opiniões dos participantes, em que constatamos não haver unanimidade quanto à aceitabilidade do sinal “Iraque”. Observamos diferentes posicionamentos, conforme discutidos a seguir:

Participante A: Igual eu expliquei sobre Chile.

Participante B: Legal.

Participante C: Não conheço o sinal.

Participante D: Sim, eu já vi as pessoas usarem esse sinal. Ok.

Participante E: O sinal certo é a mão aberta, a palma para cima. E não a mão fechada, como mostra o videoprova.

Participante F: Esse sinal é do país? Estranho esse sinal. Tem outro sinal, não lembro. Não sei o porquê desse sinal.

Pesquisador: Porque não gostou do sinal?

Participante F: Não gostei desse sinal 'IRAQUE', porque não combina com esse país. Esse país é perigoso. Esse sinal 'IRAQUE' não combina .

Participante G: Sim, claro. Todo mundo conhece esse sinal 'IRAQUE'.

O Participante A comenta sobre o sinal de outro país, o Chile (questão nº 104 da videoprova). Argumenta que os sinais vão sendo criados pela comunidade sinalizante de determinado país pela necessidade de nos comunicarmos. Os sinais vão sendo compartilhados e, devido ao uso de tecnologias de comunicação e informação e também da difusão de conteúdos em línguas de sinais de diferentes nacionalidades, temos acesso aos sinais usados na própria nação.

O sinal de Iraque difundido no Brasil foi criado por brasileiros, já o sinal utilizado na videoprova é o mesmo usado no Iraque para nominar o próprio país. Nota-se que esses sinais estão sendo incorporados pelo léxico da Libras, pois há aqueles que optam pelo sinal local e não utilizam o sinal estrangeiro. Entende-se que essa atitude é motivada pelo componente conativo e pelo orgulho da língua nacional.

O Participante B esboça aceitabilidade do sinal usado na videoprova, e os Participantes D e G conhecem e usam este sinal. Também dizem ver o sinal sendo usado por outros surdos, ao afirmarem, respectivamente, "já vi as pessoas usarem esse sinal" e "todo mundo conhece esse sinal". O Participante E afirma que conhece o sinal feito com a mão aberta e com a palma para cima (CM nº 41). Existe distinção fonológica na sinalização feita pela mão passiva e este participante foi o único que apontou essa diferença.

A Participante F esboçou um estranhamento em relação a este sinal, informando ao pesquisador que há outro sinal, mas que ele não lembra e afirma que "não sei o porquê desse sinal". Em seguida, o pesquisador questiona o porquê do participante não gostar dele e este explica que não gostou por considerar que não combina com o país. Argumenta que "esse país é perigoso". Observamos que o ponto de vista do Participante explicita uma crença baseada na concepção de que o país tem uma característica de risco, ameaça, o que remete a ideia de perigo, portanto, está relacionada ao componente afetivo.

A opinião da Participante F (acima) remete a percepção dela sobre o país e o que ele representa a seu ver. Isto reverbera na língua, tanto em como a aceita ou não, mas também em como há diferentes sentidos que os sinais carregam. Vê-se as crenças dos sujeitos sinalizantes materializadas nas respostas. O fato de, para esta participante, o Iraque ser referência de "perigo" nos indica que outras características do país estão sendo invisibilizadas, ou também, que a motivação para essa opinião está baseada em estereótipos e estígmas construídos socialmente para esta nação. A língua, portanto, é um "meio" de criar, disseminar e perpetuar estereótipos e estígmas.

Nesse sentido, a problematização da resposta da Participante F para o sinal do "Iraque" provoca reflexões de quantos sinais que circulam no cotidiano de quem usa a Libras não são aceitos em função do componente cognoscitivo, isto é, está ligado ao conhecimento estereotipado, às crenças, aos valores, que são próprios do indivíduo, o que ele aprendeu socialmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe como tema central a política linguística no campo Linguística Aplicada, amparada pela Teoria de Atitude Linguística. Desenvolveu-se uma análise da aceitabilidade de sinais-termos da videoprova de Ciências da Natureza e suas

Tecnologias do Enem em Libras de 2018, onde foi construído um *corpus* com as opiniões de sete participantes surdos.

Em decorrência da análise crítica elaborada, que se propôs também a problematizar a Libras em interlocução com as políticas linguísticas, a Terminologia, a Sociolinguística e a Gramática, foi possível inferir que analisar a aceitabilidade dos participantes, em grande medida, foi um desafio como linguista-pesquisador devido à natureza de uma pesquisa em Ciências Humanas, que se caracteriza no plano do relativo.

O desenvolvimento desse tipo de estudo exige levantar e analisar dados, partindo do pressuposto que a língua está relacionada à experiência dos sujeitos que a usam, e dela não podem estar dissociadas. Nesse sentido, constatamos que os participantes, ao serem postos em cotejo com este objeto (a língua de sinais), manifestaram seus entendimentos individuais que nos remeteram a diferentes percepções. Ao classificar (segundo com a perspectiva mentalista e seus três componentes de atitude linguística) e analisar as opiniões de surdos sinalizantes, constatou-se que estão associadas a diferentes fatores e que estas atitudes manifestadas nos depoimentos são baseadas, principalmente, no aspecto semântico. Todos os componentes (cognoscitivo, afetivo e conativo) estão presentes nas opiniões coletadas.

Posicionamentos como “o sinal deveria ser mais visual”, isto é, com caráter mais icônico foram citados, o que nos remete a natureza visuoespacial da Libras e como essa característica se mostra preponderante na construção dos enunciados em língua de sinais. Outro ponto constatado nos resultados da análise foi a dificuldade dos participantes em compreender determinadas questões da videoprova devido às elaborações ambíguas ou mesmo polissêmicas, situação que está diretamente ligada ao nível semântico. Por conta da Libras ser uma língua em constante ampliação lexical, outra perspectiva possível sobre a inteligibilidade dos sinais nas videoprovadoras está estritamente relacionada ao crescimento do léxico desta língua.

A postura de (não) aceitação aos diferentes sinais, aos distintos estilos linguísticos, às mudanças que acontecem na língua e as próprias alterações de posicionamento dos sujeitos, resultam em atitudes diversas. Logo, a depender dos fenômenos pragmáticos, da situação comunicativa, do contexto social, dentre outros, certamente influenciam as atitudes frente à língua.

Moreno Fernández (1998), ao tratar do comportamento do falante em relação à própria variedade, admite a ocorrência de duas atitudes: a de valorização e a de não aceitação. A valorização remete à noção de prestígio linguístico, ou seja, o processo de concessão de estima e respeito para indivíduos ou grupos que reúnem certas características e que leva à imitação das condutas e crenças desses indivíduos ou grupos.

No contexto de política linguística da Libras, essa pesquisa contribui, preferencialmente, para o campo da Linguística Aplicada (LA), mas ainda é necessário que outros estudos possam ser realizados para ampliar e aprofundar conhecimentos científicos. No decorrer do desenvolvimento dessa pesquisa, percebeu-se a escassez de investigações que se afiliem a área da LA, o que se espera que sejam ampliadas daqui para frente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

BOTASSINI, J. O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. In: *Signum: Estudos da Linguagem*, 18., 2015, Londrina, PR. Anais [...]. Londrina: UEL, 2015. v. 18, n. 1, p. 102-131. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20327>. Acesso em: 15 abr. 2021.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (2008). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira*. São Paulo: Edusp.: Brasil. (2005). Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

FAULSTICH, E. Natureza epistemológica do lexema e do termo. In: SEMINÁRIO DO GEL, 23., 1994, São Paulo, SP. Anais [...]. São

Paulo: GEL, 1994. p. 313-319.

FERREIRA, C. S. S. Percepções dialectais e atitudes linguísticas: O método da Dialectologia perceptual e as suas potencialidades. In: *Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 24., 2009, Lisboa, PT. Anais [...]. Lisboa: APL, 2009. p. 251-263.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GILES, H.; RYAN, E. B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E. B. (ed.). *Attitudes towards language variation: social and applied context*. London: Edward Arnold, 1982. p. 1-19.

INEP. *Enem Video Libras*. Brasília, DF: INEP, 2018. Disponível em: <http://enemvideolibras.inep.gov.br/2018/index.html>. Acesso em: 10 out. 2024.

LAMBERT, W. E. A social psychology of bilingualism. *Journal of Social Issues*, v. 23, n. 2, p. 91-109, 1967. New York: Wiley.

LEMES, K. F.; SILVA, T. A.; SILVA, T. de A.; SOUZA JUNIOR, I. Q. Sinais específicos em libras: curso técnico em edificações e superior em engenharia civil. *Semana de Licenciatura*, n. 13, p. 396-401, 2016.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolinguística*. Madrid: Gredos, 1993.

MARTINS, F. C. *Terminologia da Libras: coleta e registro de sinais-termo da área de psicologia*. 611f. 2018. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2018.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de Sociolinguística y Sociología del Lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

QUADROS, R. M. de; KARNOFF, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de. Políticas linguísticas e bilinguismo na educação de surdos brasileiros. In: CARVALHO, A. M. (org.). *Linguística luso-brasileira*. Madrid: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2009. p. 215-235.

QUADROS, R. M. de. Linguistic Policies, Linguistic Planning, and Brazilian Sign Language in Brazil. *Sign language studies*, Washington, v. 12, n. 4, p. 543-564, 2012.

RODRIGUES, A.; ALMEIDA-SILVA, A. Reflexões sociolinguísticas sobre a Libras (Língua Brasileira de Sinais). *Estudos Linguísticos*, v. 46, n. 2, p. 686-698, 2017. São Paulo: GEL.

RICENTO, T. Historical and theoretical perspectives in language policy and planning. *Journal of Sociolinguistics*, v. 4, n. 2, p. 196-213, 2000. Oxford: Blackwell.

WOOLARD, K. A; SCHIEFFELIN, B. Language Ideology. *Annual Review of Anthropology*. v. 23, p. 55-82, 1994.



Recebido em 26/05/2023. Aceito em 02/10/2024.